

Conversando sobre Sexualidade Masculina 3

Marcos Ribeiro¹

Incrível! Mas ainda hoje - depois de tantas e tantas reflexões - na maioria das conversas masculinas, uma questão tem sido bastante freqüente: a preocupação com o pênis. Mas não como fonte de prazer e sim como desempenho. E só.

E o mesmo acontece, também, na maioria das cartas masculinas que recebo: seja para a coluna de sexologia que assino no jornal O Dia² ou no quadro Educação Sexual que apresento dentro da programação da rádio Manchete³.

São homens querendo saber se o tamanho do pênis influencia (jamais questionam sobre o tamanho do carinho), outros preocupados com o desempenho e há, ainda, aqueles que transformam cada relação em um prêmio que prova a própria masculinidade. Interessante perceber que a maioria dos (desses) homens não fala ou não parece incomodar-se com o afeto da relação, com a satisfação da parceira ou mesmo com o envolvimento amoroso que uma relação pode proporcionar.

Parece que muitos homens não têm uma relação sexual, mas uma *ralação sexual*, quer dizer, é um ralar de corpos sem nenhum

1. Psicólogo. Consultor em Educação Sexual.

2. O Dia é o jornal de maior público leitor do Rio de Janeiro, com uma média de 500.000 (quinhentos mil) leitores. A coluna de sexologia é publicada semanalmente, aos domingos, dentro do Caderno "D"

3. O quadro Educação Sexual é levado ao ar, duas vezes por semana, dentro de um dos programas de maior audiência do Rio de Janeiro na rádio Manchete-AM.

Recebido em 15.02.91

Aprovado em 05.03.91

contato mais profundo. A gente pode afirmar - sem medo de errar(?) - que o homem dissocia sexo de afeto. É como se afeto fosse “coisa de mulher”.

Enquanto a mulher se preocupa com a qualidade, o homem está mais voltado para a quantidade: a quantidade da transa, a quantidade da cantada, quantas conseguiu dar e por ai afora...

A vida sexual do homem é sempre uma aventura em busca do proibido, do misterioso. O problema é chegar lá, conseguir alguma coisa e sumir. Os homens costumam encarar o sexo de uma maneira estritamente sanitária. Reduzem o prazer a uma simples troca genital, sem a ousadia (por medo?) de enfrentar o que existe de opressivo em sua própria sexualidade.

A verdade é que é duro ser homem.

Pensando nessa dureza que bem caracteriza o mundo masculino, amolecida por privilégios, muitos homens ainda estão ligados a essa postura, a esse papel que infla o ego, mas que esvazia os prazeres dos mais legítimos. Pois, exercer este domínio, esta incompetência tão característica em relacionar-se com igualdade (e os homens obrigam-se a serem tão competentes, não é verdade?) é algo que grita com estardalhaço, que ensurdece emoções, sentimentos, encontros. Virtualmente: diminui o espaço humano e os potenciais de prazer, de sensações.

Este homem a que estou me referindo não aprendeu a gostar do próprio corpo, a percebê-lo como um ser inteiro. E, se pensarmos bem, a grande maioria dos homens fala com grande desenvoltura do seu pênis, das suas experiências sexuais, mas são muito inibidos no que diz respeito ao corpo como um todo. Embora possa parecer estranho à primeira vista, os homens normalmente se referem ao corpo na terceira pessoa: “ele”; “ele vai, ele vem”, tal como o pênis no ato sexual. Essa afirmação vem confirmar a identificação que os homens fazem do seu corpo com uma parte dele, o pênis.

E enquanto os homens fazem esse corte entre pênis e corpo, as mulheres chamam o seu corpo de “eu”: “eu vou, eu gosto, eu ando...”, isto é, identificam-se com ele. Não há entre elas, pelo menos com tanta força, uma distância com o próprio corpo. Os homens, não! O seu corpo é o seu pênis!

Se pararmos para pensar, veremos que o homem goza mais com os amigos do que com a própria mulher. Isso porque quando encontra-se com o(s) amigo(s) no bar, fala de sexo muito mais como prestígio pessoal do que como puro prazer. O bom não é o contato, é o contar...

Qual o homem que se preocupa mais com seus sentimentos do que com o desempenho sexual?

Qual o homem que diz não para uma transa, porque está sem vontade, sem tesão?

Qual o homem que admira a beleza de um outro homem?

Qual o homem que se toca e acaricia o próprio corpo?

Qual o homem que percebe as suas nádegas como “parte” do seu corpo?

Muito poucos, não?

Pois é, qual de nós - homens - não tem (ou teve) vontade de abraçar e tocar o amigo e ficar assim, abraçado e chorando e falando das próprias dificuldades?

Mas não dá, não é mesmo? Logo vem o “rótulo” e a masculinidade não deve ser questionada em nenhum segundo.

É um processo. A transformação é lenta. Mas não podemos negar que já foi mais duro antes. E alguns homens mais sensíveis a estas questões estão tentando. O caminho é duro (são séculos de vantagens e privilégios), o rompimento da estrutura é pesado e os “olhares” estão à toda volta.

Mas é importante não nos esquecermos que a gente pode a deve ser o que é, tranqüilamente, sem necessidade de esconder coisa nenhuma, sem medos, sem ter que dar “provas de macho” ao viver essa coisa tão bonita que pode ser nossa sexualidade. O próprio corpo e a sexualidade não devem ser razão para oprimir ninguém. Deve ser praticado com fraternidade.

Só sabendo amar, cara a cara, corpo a corpo, sem privilégios, a gente aprende a amar a liberdade.